

# LÁ IREMOS CANTANDO E RINDO



## “Confusion de Confusiones”

**João Duque**

jduque@iseg.ulisboa.pt

Estamos a chegar ao fim do primeiro grupo de moratórias concedidas ao abrigo da pandemia e que se vão vencer no final de março. Isto não seria um problema dando-se o caso de a economia portuguesa estar a recuperar firmemente com o desemprego a cair, as empresas a reconquistarem confiança e mercados e as famílias a beneficiarem de novos fluxos financeiros. Porém, não é isso que se passa. E assim, o fim do mês de março antecipa a preocupação sobre o que vai suceder a quem deixa de ter esta dilatação de pagamentos a compromissos bancários.

**Com as moratórias, antecipo que vamos ter o mesmo tipo de abordagem: se o problema é teu, resolve-o!**

Portugal foi um dos países que mais recorreram a este tipo de apoio. Fomos o terceiro país logo após o Chipre e a Hungria a recorrer a este tipo de apoios, chegando a representar quase 25% dos créditos concedidos e famílias e empresas não-financeiras. Porém, todas as grandes economias da União Europeia recorreram muito menos a este tipo de incentivo. Na Alemanha, França, Espanha ou Itália as moratórias representaram no máximo 15% dos créditos (na Alemanha rondaram os 2%!). Assim, Portugal destaca-se da maior parte dos países da União Europeia e, mais uma vez, ao ficarmos num pequeno grupo, isolados, acabamos por ter um problema que é nosso e não da União. Ora, quando os problemas são específicos, já sabemos o que nos espera...

Na União Europeia quando os problemas financeiros são de todos e por isso abrangem os pesos pesados, as soluções são orientadas para a resolução da grande maioria. Mas quando os problemas financeiros são individuais a União Europeia entre-

ga a resolução a cada um dos países específicos. Em termos financeiros, o problema deixa de ser sistemático e passa a ser um problema idiossincrático. Com as moratórias, antecipo que vamos ter o mesmo tipo de abordagem: se o problema é teu, resolve-o!

Por isso, o melhor é irmo-nos preparando para resolver o nosso problema. E devemos aproveitar a experiência das moratórias que se findam em março para começar a antecipar o que poderão ser os problemas das moratórias que se vencem em junho e particularmente os da grande onda de moratórias que se vencerá em setembro.

As dificuldades dos “finados de março” apenas se vão tornar evidentes no fim de abril, e na prática, vividas nos primeiros dias de maio. Assim, quer o 25 de Abril que era ainda o 1º de Maio podem passar-se alegremente a festejar a revolução dos cravos e o dia do trabalhador com “cravo vermelho ao peito que a muitos fica bem, e sobretudo faz jeito a certos filhos da mãe”.